

FUNDOS PODEM VIRAR “PRESENTE DE GREGO” EM ÉPOCA DE CRISE

Vinícius Rodrigues Vieira

Jornalista, doutorando em Relações Internacionais, Nuffield College, Oxford



Um exame do funcionamento dos endowments de três das melhores e mais conhecidas universidades do mundo — Califórnia em Berkeley (pública) e Harvard, ambas nos Estados Unidos; e Oxford, na Inglaterra — revela virtudes e vícios desses fundos de captação de recursos externos, que já constituem verdadeira “indústria”, como descreve um executivo responsável pela gestão de uma fortuna de US\$ 2,6 bilhões. Na imagem, o Nuffield College, de Oxford

Todas as mais respeitadas universidades dos Estados Unidos e Inglaterra possuem *endowments* e, quase sempre, criam ou contratam uma empresa para gerir os “presentes” de doadores, muitos dos quais são ex-alunos. Com as doações, elas podem oferecer uma série de benefícios aos atuais estudantes, particularmente aos que enfrentam maiores dificuldades no ensino superior, como os pertencentes a minorias étnicas e a classes sociais desfavorecidas.

Nenhuma instituição, porém, está livre dos vícios desse sistema, que funciona como um complemento aos fundos públicos para a educação superior e não um substituto completo destes. Entre tais vícios, estão a priorização de determinadas disciplinas em detrimento de outras e a conseqüente criação de desigualdades entre as diferentes unidades de cada universidade, para não mencionar a vulnerabilidade dos fundos em épocas de crise econômica internacional, tal como ocorre atualmente.

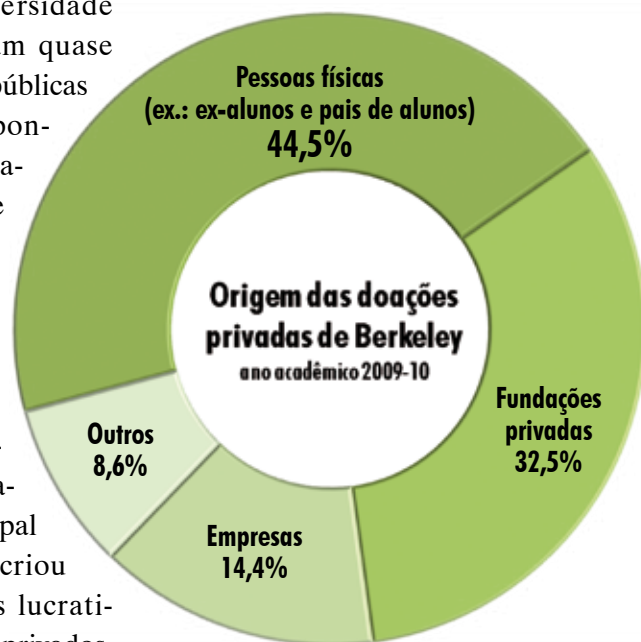
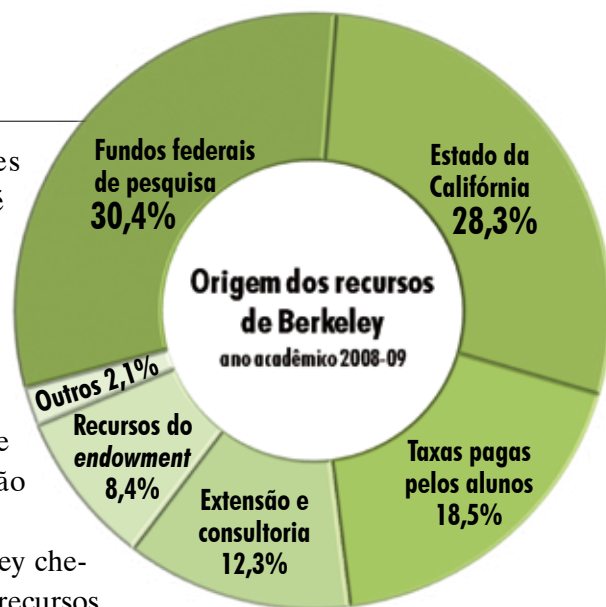
Fundada em 1868, Berkeley é a única universidade pública dos Estados Unidos a figurar no *top 10*. É ainda o campus mais antigo do sistema Universidade da Califórnia, mantido pelo governo daquele Estado americano e que hoje conta com outras oito unidades que, na prática, funcionam como instituições independentes entre si. Tal como qualquer instituição de ensino superior pública dos Estados Unidos, Berkeley cobra de seus alunos uma semestralidade,

que, apesar dos reajustes dos últimos anos, ainda é inferior a de universidades privadas: cerca de US\$ 10 mil contra US\$ 16 mil em Harvard, cujos departamentos de ciências sociais e biológicas estão em pé de igualdade com a instituição californiana.

O *endowment* de Berkeley chega a US\$ 2,6 bilhões e seus recursos são usados para cobrir 8,4% das despesas anuais da universidade (**Gráfico 1**), que totalizam quase US\$ 2,6 bilhões. Verbas públicas federais e estaduais respondem por 58,7% do financiamento. Em 2009, no auge da crise que dilapidou o orçamento da Califórnia (e, portanto, a capacidade de o Estado então governado pelo republicano Arnold Schwarzenegger contribuir significativamente para com sua principal universidade), Berkeley criou uma subsidiária sem fins lucrativos para gerir seus fundos privados. Desde os anos 1940 até então, os recursos eram administrados diretamente por uma fundação ligada à universidade, a UCBF.

A maior parte das doações vêm de pessoas físicas, como ex-alunos (**Gráfico 2**) e, por vontade dos doadores, pode ser direcionada para fins específicos, como o pagamento de professores de determinada disciplina e a concessão de bolsas para alunos de uma nacionalidade específica.

Em resposta a um questionário enviado por e-mail, o presidente



da subsidiária, John-Austin Saviano, dissocia a profissionalização da gestão do fundo e a crise de 2008-2009. “Antes de 2009, a UCBF já estava se reestruturando de modo a ter uma estrutura profissional de gerenciamento, pois o *endowment* crescera de tamanho e complexidade. Na indústria dos *endowments*, há um consenso de que um fundo precisa de gestão profissional quando atinge o valor de US\$ 500 milhões”, afirma.

Tabela 1- EUA, rentabilidade média anual de *endowments*, 2001-10 (em %)

2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
11,9	18,7	3,0	17,2	10,8	9,3	15,3	3,2	6,2	3,5

Fonte: Nacubo.

Tabela 2-EUA, maiores *endowments*, 2008-10 (em bilhões de US\$)

Instituição	2008	2009	2010
Harvard University	36,556	25,662	27,557
Yale University	22,870	16,327	16,652
Princeton University	16,349	12,614	14,391
University of Texas (estatal)	16,111	12,163	14,052
Stanford University	17,200	12,619	13,851
Massachusetts Institute of Technology (MIT)	10,069	7,982	8,317
University of Michigan (estatal)	7,572	6,001	6,564
Columbia University	7,147	5,893	6,517
Northwestern University	7,244	5,445	5,945
Texas A&M University (estatal)	6,659	5,084	5,738

Pioneira na fundação de um órgão gestor próprio de *endowment*, Harvard perdeu mais de US\$ 10 bilhões na crise de 2008, e teve que admitir menos alunos de doutorado. Ainda assim, tem o maior *endowment* dos EUA

Ao descrever os *endowments* como indústria, Saviano não usa uma força de expressão. Há empresas nos Estados Unidos especializadas em gerir *endowments* de várias instituições de ensino superior. Os administradores também formaram sua própria associação, a National Association of College and University Business Officers (Nacubo). Segundo dados compilados pela associação, a

rentabilidade dos *endowments* na última década variou muito, declinando fortemente em períodos de crise, como 2001-02, após os atentados de 11 de setembro, e 2008-09 (Tabela 1).

A que mais sofreu foi Harvard, que diz ter sido pioneira na fundação de um órgão gestor próprio de *endowment*, em 1974. A universidade perdeu mais de US\$ 10 bilhões em *endowment* na crise de 2008 (Tabela 2), levando-a a admitir menos alunos em programas de doutorado, pois não era possível oferecer bolsas a todos. Ainda assim, Harvard tem, de longe, o maior *endowment* entre as universidades americanas, à frente de Yale, outro destino dos filhos das elites norte-americanas.

Sendo universidades privadas, é compreensível que Harvard e Yale tenham grandes *endowments*. Eles funcionam como um amortecedor que assegura, ainda que com sobresaltos, uma estrutura de alto padrão e pesquisa de ponta no longo prazo

na ausência de fontes fixas de recursos. Porém, nos últimos anos as instituições públicas dos Estados Unidos e Inglaterra estão cada vez mais seguindo esse modelo baseado em fundos privados.

Berkeley não está sozinha nesse processo. Oxford, a mais antiga universidade do mundo anglofônico, fundada no século XIII, copia suas “irmãs” privadas do outro lado do Atlântico e já acumula mais de US\$ 5 bilhões de *endowment* gerenciados por uma subsidiária. Esse valor inclui os fundos de *colleges*, entidades privadas associadas à universidade e que congregam estudantes e professores. Todos eles devem estar associados a um dos 38 colegiados.

Eles, porém, têm *endowments* bastante díspares entre si. O *college* mais rico é o St. John's, com quase US\$ 500 milhões de fundos. Entre seus ex-alunos ilustres, está o ex-primeiro-ministro Tony Blair. Já o mais pobre é o Harris-Manchester, com o equivalente a apenas US\$ 13 milhões. *Colleges* mais ricos têm mais recursos para a pesquisa e conseguem oferecer melhores classes para os alunos de graduação, cujo ensino depende menos da universidade.

Entre *colleges* que apenas admitem pós-graduandos, a mesma desigualdade se repete. O Nuffield College, fundado em 1937 com recursos doados pelo então proprietário da hoje extinta marca de veículos Morris, é dedicado apenas às ciências sociais nos níveis de mestrado e doutorado. Seus 80 alunos têm à disposição um fundo de US\$ 240 milhões, ante US\$ 48 milhões do St Antony's, de perfil similar, mas que tem 400 pós-graduandos.